



Carta Digital do Azeite

Festival do Azeite Novo

A Carta Digital do Azeite tem como finalidade transmitir conhecimento sobre o setor olivícola em Portugal, evidenciando a sua posição como um dos maiores produtores de azeite do mundo.



Variedades



Modos de Produção dos Olivais



Práticas e Sistemas Oficiais de Sustentabilidade



Dieta Mediterrânica



Oportunidades de Financiamento

SOBRE O CEPAAL

O **CEPAAL** - Centro de Estudos e Promoção do Azeite do Alentejo - é uma associação sem fins lucrativos que tem como objetivo dinamizar e promover o setor olivícola de Portugal, no geral, e do Alentejo, em particular.

O **CEPAAL** nasceu em 1999, tem sede em Moura e possui parcerias com produtores, instituições ligadas ao setor olivícola, organismos do Estado, municípios e universidades.

ORGANIZAÇÃO:



PROJETO COFINANCIADO POR:



PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO RURAL 2014-2020



UNIAO EUROPEIA
Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural
A Europa Investe nas Zonas Rurais

Enquadramento

Portugal é hoje um dos maiores produtores de azeite do mundo. A região do Alentejo representa quase 90% da produção nacional.

Produção de azeite em Portugal



Retirado em 2024 de: Conselho Oleícola Internacional.



Retirado em 2024 de: Instituto Nacional de Estatística.

Setor olivícola em Portugal

Variedades utilizadas em Portugal:

- Galega (Portuguesa)
- Carrasquenha (Portuguesa)
- Cordovil (Serpa, Trás-os-Montes ou Castelo-Branco) (Portuguesa)
- Lentisca (Portuguesa)
- Madural (Portuguesa)
- Verdeal (Alentejana ou Trás-os-Montes) (Portuguesa)
- Cornicabra (Portuguesa)
- Cobrançosa (Portuguesa)
- Arbosana (Espanhola)
- Picual (Espanhola)
- Arbequina (Espanhola)
- Koroneiki (Grega)

Lagares em Portugal:

- Tradicionais: 24% (107)
- Contínuos 2 Fases: 59% (270)
- Contínuos 3 Fases: 17% (77)

Modo de produção dos olivais em Portugal: Tradicional (cerca de 40% olival português):

- **Densidades Mais Comuns:** 60 a 200 árvores por hectare
- **Tipo:** Predominantemente Sequeiro
- **Entrada em Produção:** 15 a 20 anos após instalação

Intensivo (cerca de 40% olival português):

- **Densidades Mais Comuns:** 200 a 600 árvores por hectare
- **Tipo:** Regadio
- **Entrada em Produção:** 5 a 7 anos após instalação

Superintensivo (cerca de 10% olival português):

- **Densidades Mais Comuns:** 900 a 2500 árvores por hectare
- **Tipo:** Regadio
- **Entrada em Produção:** 2 a 3 anos após instalação

Retirado em 2024 de: Centro de Estudos e Promoção do Azeite do Alentejo, "Apresentação: Práticas Agrícolas Sustentáveis no Olivai", Professor Francisco Mondragão-Rodríguez, Instituto Politécnico de Portalegre (2023), "Boas Práticas no Olivai e no Lagar, INIAV (2014) e Instituto Nacional de Estatística (2024).

Setor olivícola no Alentejo

209 Mil hectares de olival

116 Nº de lagares

95% Azeite virgem ou virgem-extra

Retirado em 2024 de: Instituto Nacional de Estatística (2024).

ORGANIZAÇÃO:



PROJETO COFINANCIADO POR:



PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO RURAL 2014-2020



FUNDO EUROPEU AGRÍCOLA DE DESENVOLVIMENTO RURAL
A Europa Investe nas Zonas Rurais

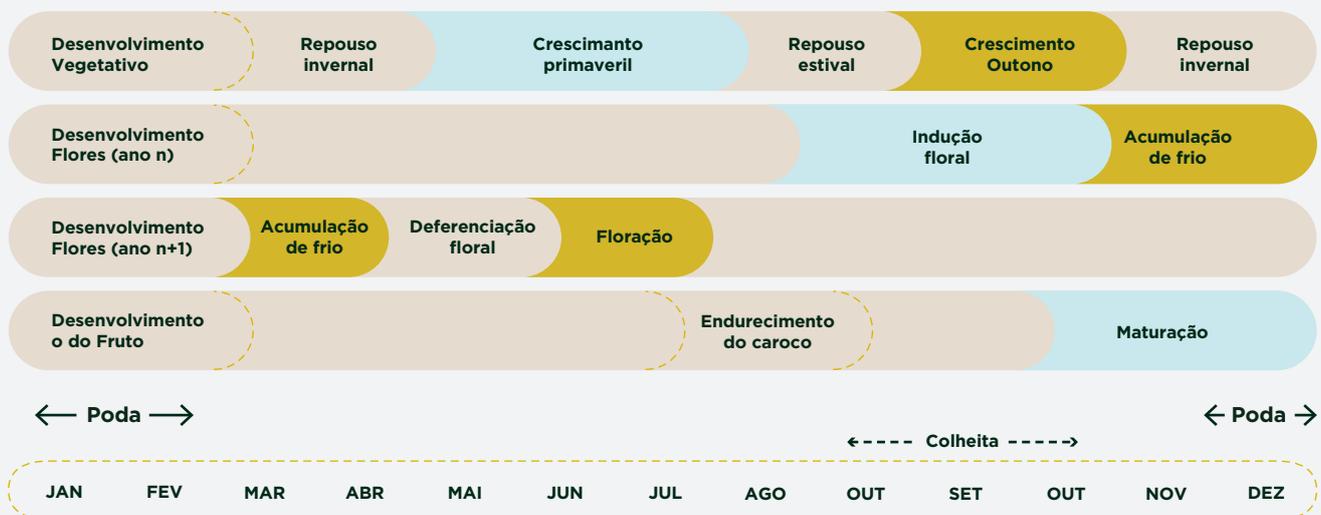
Ciclo Vegetativo

O ciclo vegetativo do olival abrange fases distintas de desenvolvimento vegetativo, da floração e da frutificação. Durante o **repouso invernal**, que ocorre de novembro a fevereiro, as oliveiras entram em dormência devido às baixas temperaturas, suspendendo o crescimento vegetativo. Com a chegada da primavera, de março a junho, inicia-se o **crescimento primaveril**, caracterizado por um desenvolvimento vigoroso de ramos e folhas, essencial para a formação da copa e para a capacidade fotossintética da planta. No entanto, durante o **repouso estival**, em julho e agosto, as elevadas temperaturas e a escassez de água reduzem o crescimento vegetativo, levando a planta a adotar mecanismos de resistência ao stress hídrico, como a diminuição da atividade metabólica. Posteriormente, no **crescimento outonal**, de setembro a novembro, com a chegada das chuvas e temperaturas mais amenas, o crescimento vegetativo retoma, permitindo a recuperação da planta e a preparação do próximo ciclo.

No que diz respeito ao desenvolvimento das flores, no primeiro ano, ocorre a **indução floral** entre julho e outubro, onde alterações fisiológicas, influenciadas por fatores como temperatura e fotoperíodo, iniciam a formação das gemas florais. Em dezembro, dá-se a **acumulação de frio**, com a planta em repouso invernal, acumulando horas de frio necessárias para completar a indução floral e assegurar uma floração uniforme. Nos anos seguintes, em janeiro, continua a acumulação de frio, permitindo que a planta finalize o preparo para o desenvolvimento floral. Nos meses de março e abril, ocorre a **diferenciação floral**, onde as gemas se transformam em estruturas florais. A **floração** acontece entre maio e junho, quando as flores abrem, permitindo a polinização, maioritariamente anemófila (pelo vento), e a fecundação, etapas cruciais para a formação dos frutos.

O desenvolvimento do fruto inicia-se com a **formação e crescimento**, de junho a setembro, após a fecundação, onde os frutos desenvolvem-se, acumulando nutrientes e aumentando de tamanho. A gestão hídrica e nutricional durante esta fase é determinante para a qualidade e quantidade da produção. Entre junho e julho, ocorre o **endurecimento do caroço**, com a lignificação do endocarpo, conferindo proteção à semente e preparando o fruto para a maturação. A **maturação** dá-se de outubro a dezembro, quando os frutos atingem a maturidade, apresentando características ideais para a colheita, como o teor de óleo e a cor adequada. A determinação do momento ótimo de colheita é fundamental para a qualidade do azeite ou da azeitona de mesa.

Práticas agronómicas associadas, como a **poda**, realizada de dezembro a fevereiro, durante o repouso invernal, visam a remoção de ramos secos ou mal posicionados, melhorando a estrutura da copa, a penetração de luz e a circulação de ar, fatores que influenciam a produtividade e a sanidade da planta. A **colheita**, efetuada de setembro a dezembro, dependendo do destino dos frutos (azeite ou conserva), é programada para coincidir com o ponto ótimo de maturação, utilizando métodos manuais ou mecânicos.



ORGANIZAÇÃO:



PROJETO COFINANCIADO POR:



PROGRAMA DE
DESENVOLVIMENTO
RURAL 2014-2020



UNIAO EUROPEIA
Fundo Europeu Agrícola
de Desenvolvimento Rural
A Europa Investe nas Zonas Rurais

Olival Tradicional

O **olival tradicional** apresenta uma densidade de plantação de 80 a 100 oliveiras por hectare, com uma produtividade média de 500 a 800 kg de azeitona por hectare. Este sistema, que representa 37% do olival nacional, utiliza predominantemente variedades tradicionais como Galega, Cobrançosa, Cordovil e Verdeal. Geralmente é explorado em regime de sequeiro. Caracteriza-se por espaçamentos amplos entre as árvores e produtividades mais baixas, sendo comum em áreas históricas e tradicionais, especialmente em regiões de clima mais seco. A manutenção do olival tradicional é menos intensiva, com menores exigências de maquinaria e insumos.

	Tradicional
Densidade	80 a 100 oliveiras por ha
Produtividade	500 a 800 kg por ha
Recursos Hídricos	Sequeiro



Fonte: Alentejo, A liderar a olivicultura moderna

ORGANIZAÇÃO:



PROJETO COFINANCIADO POR:



PROGRAMA DE
DESENVOLVIMENTO
RURAL 2014-2020



UNIAO EUROPEIA
Fundo Europeu Agrícola
de Desenvolvimento Rural
A Europa Investe nas Zonas Rurais

Olival em Copa

O **olival em copa**, apresenta uma densidade de plantação mais elevada, entre 200 e 500 oliveiras por hectare, e uma produtividade média significativamente maior, variando entre 7 000 e 9 000 kg de azeitona por hectare. Representando 47% do olival nacional, este sistema utiliza variedades como Arbequina, Cobrançosa e Picual. Geralmente operado sob regadio, o sistema em copa é tecnicamente mais exigente, necessitando de fertilização, irrigação e maior cuidado no manejo. O formato em copa facilita a poda e a colheita mecanizada.

	Copa
Densidade	200 a 500 oliveiras por ha
Produtividade	7 000 a 9 000 kg por ha
Recursos Hídricos	Regadio



Fonte: Alentejo, A liderar a olivicultura moderna

ORGANIZAÇÃO:



PROJETO COFINANCIADO POR:



PROGRAMA DE
DESENVOLVIMENTO
RURAL 2014-2020



UNIAO EUROPEIA
Fundo Europeu Agrícola
de Desenvolvimento Rural
A Europa Investe nas Zonas Rurais

Olival em Sebe

O **olival em sebe**, é o sistema mais moderno e produtivo, com uma densidade de 1 600 a 2 000 oliveiras por hectare e produtividades médias entre 12 000 e 14 000 kg de azeitona por hectare. Este sistema representa 16% do olival nacional e utiliza principalmente variedades como Arbequina e Arbosana. Explorado exclusivamente sob regadio, o olival em sebe é altamente mecanizado, com as árvores dispostas em linhas contínuas que formam uma "sebe". Esse formato maximiza a produtividade por área e reduz significativamente os custos de mão de obra, permitindo colheitas totalmente mecanizadas. Apesar de exigir um investimento inicial elevado, este sistema proporciona um rápido retorno económico.

	Sebe
Densidade	1 600 a 2 000 oliveiras por ha
Produtividade	12 000 a 14 000 kg por ha
Recursos Hídricos	Regadio



Fonte: Alentejo, A liderar a olivicultura moderna

ORGANIZAÇÃO:



PROJETO COFINANCIADO POR:



PROGRAMA DE
DESENVOLVIMENTO
RURAL 2014-2020



UNIAO EUROPEIA
Fundo Europeu Agrícola
de Desenvolvimento Rural
A Europa Investe nas Zonas Rurais

Principais variedades de azeitona

Portugal possui uma rica tradição olivícola, com uma diversidade de variedades de azeitona que conferem características únicas aos seus azeites e azeitonas de mesa. Entre as principais variedades cultivadas no país, destacam-se:

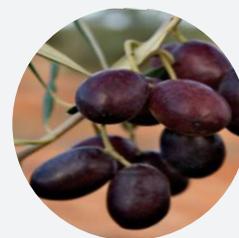


Galega Vulgar

Esta é a variedade mais difundida em Portugal, representando cerca de 80% da superfície de olival nacional. Predomina nas regiões das Beiras, Alentejo e Algarve. A árvore apresenta porte médio a grande, com frutos geralmente pequenos. É uma variedade rústica, com produtividade elevada, embora irregular. A maturação dos frutos ocorre muito cedo, e estes apresentam alguma resistência ao desprendimento, caindo acentuadamente no fim da maturação. O azeite produzido é suave, doce, pouco amargo e pouco picante. Além de ser utilizada para a produção de azeite, é também apreciada como azeitona de mesa.

Cobrançosa

Originária de Trás-os-Montes, esta variedade é conhecida pela sua elevada produtividade e regularidade. O azeite obtido apresenta um perfil frutado, com notas de ervas verdes, e pode variar entre sabores ligeiramente amargos e picantes (quando as azeitonas são colhidas mais verdes) ou doces e suaves (quando mais maduras). A riqueza em polifenóis confere-lhe uma acentuada resistência à oxidação.



Cordovil de Serpa

Cultivada principalmente no Alentejo, esta variedade é valorizada tanto para a produção de azeite como para azeitona de mesa. O azeite desta variedade é muito rico em ácido oleico, apresentando um frutado intenso com notas verdes de folha, sendo medianamente amargo e picante. É também apreciada pela sua elevada qualidade e pelo sabor amendoado do caroço.

Verdeal Transmontana

Presente em várias regiões do país, a Verdeal é conhecida pelo seu azeite de acidez equilibrada e aroma frutado. Esta variedade destaca-se pela sua versatilidade, sendo utilizada tanto para a produção de azeite como para azeitona de mesa.



Maçanilha Algarvia

Principal variedade do Algarve, a Maçanilha é utilizada tanto para a produção de azeite, devido ao seu elevado rendimento, como para azeitona de mesa (verdes ou maduras), devido ao seu tamanho e calibre dos frutos. A separação da polpa do caroço é difícil. O fruto é destinado à conserva em verde, devido à sua excelente qualidade como azeitona de mesa. Tem médio rendimento em azeite, considerado de boa qualidade, e é pobre em ácido linoleico.

ORGANIZAÇÃO:



PROJETO COFINANCIADO POR:



PROGRAMA DE
DESENVOLVIMENTO
RURAL 2014-2020



UNIAO EUROPEIA
Fundo Europeu Agrícola
de Desenvolvimento Rural
A Europa Investe nas Zonas Rurais

Principais variedades de azeitona

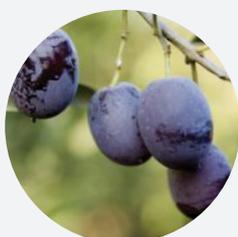
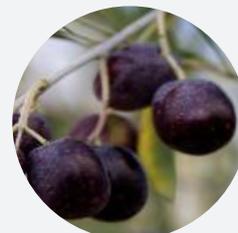


Blanqueta

Predominante no Alentejo, esta variedade é conhecida pela sua elevada produtividade e pelo azeite de qualidade que produz, caracterizado por um sabor suave e frutado. É também utilizada como azeitona de mesa.

Carrasquenha de Elvas

Cultivada na região de Elvas, esta variedade é apreciada pela qualidade do azeite que produz, com um perfil organolético equilibrado. Também é utilizada como azeitona de mesa.



Cordovil de Castelo Branco

Predominante na Beira Baixa, esta variedade é valorizada tanto para a produção de azeite como para azeitona de mesa. O azeite desta variedade apresenta um frutado intenso com notas verdes de folha, sendo medianamente amargo e picante.

Madural

Comum na região de Trás-os-Montes, a Madural é conhecida pela sua elevada produtividade e pela qualidade do azeite que produz, com um perfil frutado e equilibrado.



Negrinha do Freixo

Variedade autóctone de Trás-os-Montes, é especialmente apreciada como azeitona de mesa, devido ao seu sabor distinto e textura agradável.

ORGANIZAÇÃO:



PROJETO COFINANCIADO POR:



PROGRAMA DE
DESENVOLVIMENTO
RURAL 2014-2020



UNIAO EUROPEIA
Fundo Europeu Agrícola
de Desenvolvimento Rural
A Europa Investe nas Zonas Rurais

Boas Práticas Agrícolas

As boas práticas agrícolas são essenciais para promover um cultivo de olival sustentável em Portugal. Estas práticas asseguram a preservação dos recursos naturais e a eficiência na gestão das explorações olivícolas, contribuindo para a resiliência do setor face aos desafios climáticos. As boas práticas devem ser encaradas como ferramentas de apoio à gestão do olival, com o objetivo, entre outros, de implementar técnicas que assegurem a conservação da qualidade da água e do solo, o correto acondicionamento e encaminhamento de resíduos agrícolas e o fomento da biodiversidade. A adoção dessas práticas contribui para aumentar a eficiência produtiva e a qualidade do azeite e das azeitonas, enquanto reforça a sustentabilidade ambiental e económica das explorações olivícolas em Portugal. A seguir, destacam-se quatro medidas consideradas como boas práticas para o cultivo do olival:

Enrelvamento



O enrelvamento consiste em manter uma cobertura vegetal entre as linhas do olival, que pode ser espontânea ou semeada. Esta técnica traz uma série de benefícios, como a proteção do solo contra a erosão provocada pela chuva e pelo vento, ajudando a reduzir a perda de nutrientes e matéria orgânica. Além disso, melhora a fertilidade do solo, promovendo maior atividade microbiana e melhorando a estrutura e a capacidade de retenção de água. O enrelvamento também auxilia no controle de infestantes, ao competir com elas, e promove a biodiversidade ao criar habitat para insetos benéficos, polinizadores e outras espécies que ajudam a equilibrar o ecossistema do olival. Por fim, essa prática diminui a escorrência da água, favorecendo a infiltração. A escolha das espécies para o enrelvamento deve ser estratégica, tendo em consideração as características do solo, o clima e as necessidades específicas do olival.

Agricultura de Precisão

A agricultura de precisão no olival representa um avanço significativo na gestão agrícola, permitindo uma tomada de decisão mais informada, rápida e eficaz, com base em dados concretos e detalhados. Através da utilização de ferramentas digitais, como sondas, sensores, imagens de satélite e drones, é possível monitorizar em tempo real os fatores críticos que influenciam o desenvolvimento da cultura. Estas ferramentas permitem ajustar com precisão a rega e a fertilização, monitorizando em tempo real a humidade do solo e eficácia da fertilização. As imagens de satélite e drones ajudam a avaliar o vigor das plantas, identificar áreas com baixa produtividade e detetar problemas fitossanitários, bem como, desequilíbrios nutricionais. Com esta informação, é possível otimizar o uso de recursos, reduzir os custos operacionais e minimizar o impacto ambiental ao utilizar apenas os inputs necessários. A adoção destas tecnologias permite uma gestão mais eficiente do olival.

ORGANIZAÇÃO:



PROJETO COFINANCIADO POR:



PROGRAMA DE
DESENVOLVIMENTO
RURAL 2014-2020



UNÃO EUROPEIA
Fundo Europeu Agrícola
de Desenvolvimento Rural
A Europa Investe nas Zonas Rurais

Boas Práticas Agrícolas

Gestão Eficiente da Água

A gestão eficiente da água é crucial para a sustentabilidade do cultivo de olival, especialmente em regiões com escassez hídrica. Entre as práticas aplicadas estão o uso de sistemas de rega gota-a-gota, que fornecem água diretamente às raízes das oliveiras, minimizando desperdícios por evaporação ou escorrência. A utilização de sensores de humidade no solo que permitem monitorizar a disponibilidade de água e ajustar a rega às necessidades reais da cultura. A utilização de dados climáticos cruzada com a informação do estado de desenvolvimento do olival para criar planos de rega específicos para cada parcela, permitindo que a água seja aplicada em momentos críticos, reduzindo a sua utilização e simultaneamente evitando perdas na produtividade. Adicionalmente, recorre-se à captação de águas pluviais e o conseqüente armazenamento em reservatórios para uso posterior durante períodos de maior necessidade permitindo uma maior eficiência hídrica. A implementação destas práticas tem permitido uma gestão mais eficiente da água, que auxilia o desenvolvimento das oliveiras,

Gestão de Resíduos

A gestão de resíduos é essencial para a sustentabilidade ambiental e económica das explorações olivícolas. É fundamental garantir o encaminhamento correto de resíduos, como fertilizantes, fitofármacos, plásticos, óleos e baterias, em conformidade com as normas ambientais, utilizando pontos de recolha específicos. Adicionalmente, deve-se promover a reutilização e reciclagem de materiais, como plásticos de cobertura e garrafas, e encaminhar os resíduos compatíveis para reciclagem. A valorização dos subprodutos do olival, como folhas e bagaço, para compostagem ou produção de energia, também é uma boa prática que contribui para a redução do impacto ambiental. Essas ações não apenas minimizam os resíduos, mas também promovem uma agricultura mais limpa e responsável, alinhada com os princípios de sustentabilidade.

Essas boas práticas agrícolas são fundamentais para garantir a sustentabilidade ambiental e económica das explorações olivícolas em Portugal, contribuindo para a qualidade da produção e para a preservação dos recursos naturais.

ORGANIZAÇÃO:



PROJETO COFINANCIADO POR:



PROGRAMA DE
DESENVOLVIMENTO
RURAL 2014-2020



UNIAO EUROPEIA
Fundo Europeu Agrícola
de Desenvolvimento Rural
A Europa Investe nas Zonas Rurais

Valorização do azeite do Alentejo

O azeite do Alentejo é hoje um ativo consolidado no panorama nacional. A aposta na sua valorização deve ser uma prioridade.

Destacar práticas sustentáveis inerentes à produção de azeite é uma forma de valorizar o produto.

Práticas sustentáveis comuns em Portugal:

COBERTURA VEGETAL DA ENTRELINHA	REALIZAÇÃO DE PODAS ANUAIS E LIGEIRAS
IMPLEMENTAÇÃO DE PLANO DE FERTILIZAÇÃO AJUSTADO AO POTENCIAL PRODUTIVO Considerando variáveis, como: análises de solo, análises foliares, preços de fertilizantes	RESTOS DE PODAS TRITURADOS NA ENTRELINHA
UTILIZAÇÃO DE FERTIRREGA	USO DE REGA GOTA-A-GOTA
USO DE ENERGIAS RENOVÁVEIS	UTILIZAÇÃO DE SONDAS DE HUMIDADE DO SOLO
MONITORIZAÇÃO DE PRAGAS COM ARMADILHAS	USO DE DADOS DE ESTAÇÕES METEOROLÓGICAS
UTILIZAÇÃO DO CONCEITO DE NÍVEL ECONÓMICO DE ATAQUE	MECANIZAÇÃO TOTAL DA COLHEITA
PROMOÇÃO DE LUTA BIOLÓGICA	ENTREGA DA AZEITONA E LABORAÇÃO NO LAGAR EM MENOS DE 24 HORAS APÓS A COLHEITA
PROMOÇÃO DE ECONOMIA CIRCULAR	USO EFICIENTE DA ÁGUA
VALORIZAÇÃO DE SUBPRODUTOS	MONITORIZAÇÃO DO TEOR EM AZEITE ANTES DE AVANÇAR COM A COLHEITA

Sistemas oficiais de sustentabilidade:

MODO PRODUÇÃO BIOLÓGICO (MPB)	PRODUÇÃO INTEGRADA (PRODI)
--------------------------------------	-----------------------------------

Retirado em 2024 de: "Apresentação: Práticas Agrícolas Sustentáveis no Olival", Professor Francisco Mondragão-Rodrigues, Instituto Politécnico de Portalegre (2023) e Elaboração Própria.

ORGANIZAÇÃO:



PROJETO COFINANCIADO POR:



PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO RURAL 2014-2020



UNIAO EUROPEIA
Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural
A Europa Investe nas Zonas Rurais

Valorização do azeite do Alentejo

O azeite do Alentejo é hoje um ativo consolidado no panorama nacional. A aposta na sua valorização deve ser uma prioridade.

Posicionar o azeite no centro da dieta mediterrânica é uma forma de valorizar o produto.

A noção de dieta mediterrânica está longe de se reduzir a um mero regime alimentar. É um conceito mais amplo que abrange uma cultura.

O CONCEITO DE DIETA MEDITERRÂNICA ENVOLVE:



Alimentação:

- Consumo abundante de frutas, legumes frescos, cereais e leguminosas
- Azeite como principal fonte de gordura
- Escasso consumo de alimentos animais, com destaque para peixe, aves e porco
- Consumo médio de produtos lácteos
- Consumo moderado de vinho às refeições



Convivialidade:

- Valorização da comunidade, trocas sociais e comunicação
- Realização de refeições em grupo
- Gosto por festivais e celebrações
- Partilha de saber, sabor e tradições



Sustentabilidade:

- Primazia pela produção local
- Preferência por produtos sazonais
- Valorização de variedades adaptadas ao ecossistema
- Valorização de práticas produtivas sustentáveis



Estilo de vida

- Valorização de atividade física e descanso
- Proteção e usufruto da paisagem
- Respeito e comunhão com a natureza

Retirado em 2024 de: "Apresentação: Os Benefícios do Consumo de Azeite na Saúde", Helena Real, Associação Portuguesa de Nutrição (2023).

Afirmar o azeite do Alentejo como produto: sustentável, promotor de uma alimentação equilibrada, de um estilo de vida saudável e de uma cultura de comunidade, pode resultar em impactos a vários níveis:

COMPETITIVIDADE EMPRESARIAL

VALORIZAÇÃO DE PRODUTO

DINAMIZAÇÃO SOCIO-ECONÓMICA DO PAÍS E DA REGIÃO

DIVERSIFICAÇÃO DE ATIVIDADE (TURISMO)

PROMOÇÃO DA SAÚDE

PROMOÇÃO DA SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL

ORGANIZAÇÃO:



PROJETO COFINANCIADO POR:



PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO RURAL 2014-2020



UNIAO EUROPEIA
Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural
A Europa Investe nas Zonas Rurais

Contexto Mundial

No que respeita à produção de azeite virgem, virgem extra e lampante, a Tabela apresenta a produção média dos principais países produtores, tendo em conta a média das campanhas 2018/19, 19/20, 20/21, 21/22, por serem as últimas campanhas com valores oficiais definitivos, de acordo com os estudos do COI.

Produção

	Produção média anual (103 t)	Peso na produção mundial	Virgem e Virgem Extra	Lampante
Espanha	1.323.892	44,02%	72%	28%
Itália	352.677	8,98%	71%	29%
Grécia	271.184	7,60%	70%	30%
Tunísia	200.538	7,54%	60%	40%
Turquia	187.000	6,69%	68%	32%
Marrocos	132.692	5,54%	45%	55%
Portugal	98.592	4,36%	95%	5%
Resto do Mundo	452.167	15,27%	40%	60%
Total	3.018.744	100%	65%	35%

Este quadro mostra que os três maiores produtores são responsáveis por mais de 65% do azeite mundial; os cinco maiores por mais de 77%; e os 10 maiores países produzem 91,6% do azeite mundial, sendo os restantes 8,4% produzidos por 56 países.

Portugal está entre os 10 maiores produtores mundiais de azeite e, de todos eles, é o que tem a melhor proporção de azeite virgem e virgem extra em relação à produção total. No entanto, graças à sua aposta global nesta cultura e à sua comprovada capacidade de crescimento, em breve estará, certamente, entre os três maiores produtores mundiais.

ORGANIZAÇÃO:



PROJETO COFINANCIADO POR:



PROGRAMA DE
DESENVOLVIMENTO
RURAL 2014-2020



UNIAO EUROPEIA
Fundo Europeu Agrícola
de Desenvolvimento Rural
A Europa Investe nas Zonas Rurais

Consumo Mundial

	Média 1990-2009 (milhares de ton)	Média 2010-2018 (milhares de ton)	Média 2019-2022 (milhares de ton)	Evolução do consumo 1990/2022 (%)
Espanha	709	592	543	-23,4%
Itália	506	510	431	-14,7%
EUA	243	296	386	58,7%
Turquia	167	165	161	-3,6%
Marrocos	93	135	145	56,0%
França	75	125	126	68,2%
Brasil	65	116	117	79,0%
Grécia	63	110	107	68,7%
Argélia	52	76	94	81,7%
Síria	48	64	84	74,6%
Alemanha	33	61	67	106,5%
Canadá	30	60	64	114,8%
Portugal	26	50	58	125,1%
China	24	42	57	134,2%
Japão	23	40	52	124,4%
Austrália	21	35	48	125,2%
Arábia Saudita	19	33	38	103,0%
Tunísia	11	22	35	215,1%
Israel	11	21	31	187,1%
Egipto	8	19	25	203,8%
Outros (150)	130	126	173	33,6%
Total	2.373	2.742	2.842	19,7%

Como podemos verificar, o consumo a nível mundial tem crescido ao longo dos anos. Apesar desse crescimento, verificou-se um retrocesso no consumo de azeite nos países tradicionalmente produtores, como Espanha, Itália e Grécia. Por outro lado, verificamos o forte crescimento em muitos mercados, com destaque para a China e para o Brasil, que mais que duplicaram o consumo nos períodos analisados. Quanto aos países não produtores, a Rússia é o que mais valoriza o azeite, tendo aumentado o seu consumo em mais de 112%. De igual modo, é de salientar o crescimento dos EUA, que se tornaram recentemente o maior país importador e consumidor fora da bacia mediterrânica.

No entanto, dada a situação extraordinária das últimas campanhas, o consumo está a sofrer, caindo para níveis semelhantes à média de 1990/2009, pelo que será um grande desafio voltar aos níveis da última campanha 2021/22.

O consumo diminuiu devido a dois fatores fundamentais. Por um lado, o equilíbrio entre a oferta e a procura, uma vez que é fisicamente impossível consumir mais produto do que aquele que existe. Por outro lado, o efeito preço. Este é um elemento essencial para ajustar a oferta à procura. Na campanha de 2022/2023, registou-se uma quebra de 25% na produção mundial (COI 2023). Este facto, aliado à inexistência de stocks da campanha anterior, levou a uma tendência de subida dos preços do azeite para níveis sem precedentes. Perante este facto, e dada a sensível elasticidade da procura de azeite em relação aos preços, registou-se uma queda drástica do consumo. Só em Espanha, o consumo diminuiu 50% em relação ao mesmo período do ano anterior.

ORGANIZAÇÃO:



PROJETO COFINANCIADO POR:



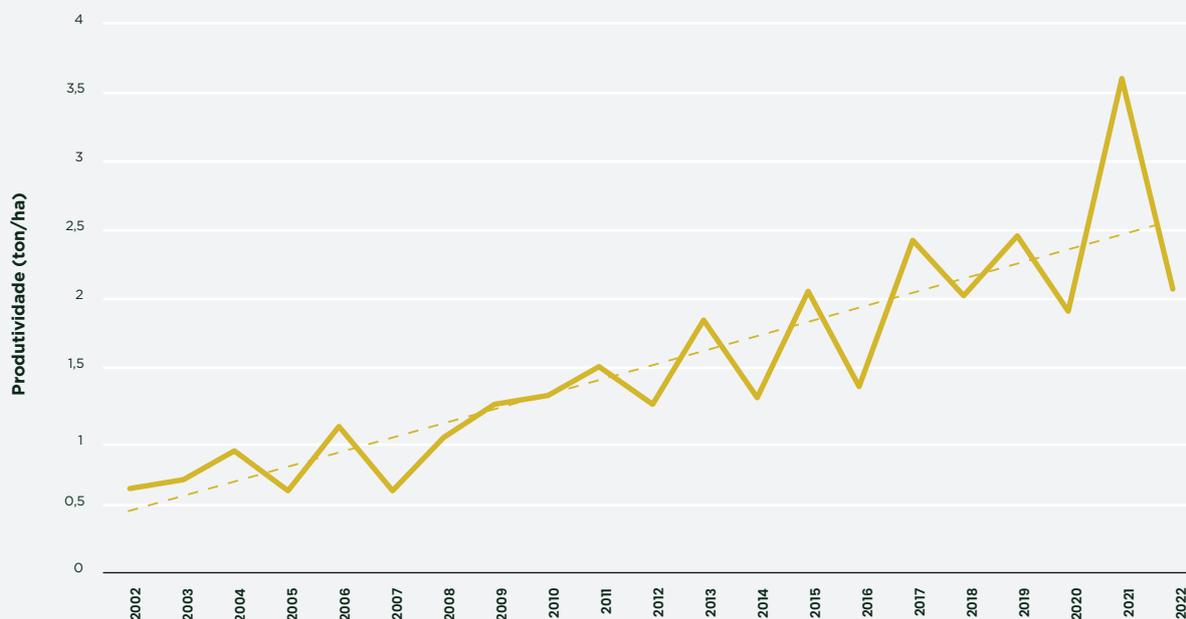
PROGRAMA DE
DESENVOLVIMENTO
RURAL 2014-2020



UNIAO EUROPEIA
Fundo Europeu Agrícola
de Desenvolvimento Rural
A Europa Investe nas Zonas Rurais

Produtividade Nacional

A produtividade média de azeitona passou de valores a rondar as 0,7 toneladas de azeitona/hectare de olival para 2,1 toneladas de azeitona/hectare, ou seja, triplicou em apenas 20 anos. Este salto quantitativo é um excelente exemplo da aplicação de tecnologia em agricultura com a instalação de olivais modernos, e eficientes, de regadio. Este acréscimo foi mais notório na região do Alentejo, principalmente devido ao Alqueva



Valor da Fileira em Portugal

Portugal	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Azeitona Produzida (10 ³ ton)	438,7	702,1	476,0	858,4	725,3	916,7	715,1	1 350,3	774,7
Valor azeitona (M€)	130 M€	248 M€	191 M€	434 M€	237 M€	266 M€	237 M€	483 M€	478 M€
Azeite Produzido (mton)	61,0	109,1	69,4	134,8	100,3	141,2	98,1	209,9	126,3
Valor azeite (M€)	160 M€	364 M€	231 M€	519 M€	340 M€	398 M€	246 M€	640 M€	468 M€
Valor total (M€)	289 M€	612 M€	422 M€	953 M€	578 M€	664 M€	483 M€	1 123 M€	946 M€
Média Triénios (M€)	441 M€			731 M€			851 M€		

A fileira do azeite em Portugal tem mostrado um crescimento notável na última década, destacando-se como um motor importante na valorização dos produtos agrícolas do país. Apesar de manter uma área de cultivo relativamente estável, tanto a produção de azeitona quanto a produção de azeite aumentaram significativamente.

Considerando a média do último triénio (2020-2022), o volume de negócios da fileira do azeite ultrapassou os 850 milhões de euros, o que é aproximadamente o dobro do volume de negócios do triénio 2014-2016. Em 2022, a fileira representava cerca de 10% do valor da produção agrícola nacional (PORDATA, 2023).

Este crescimento é particularmente notável no contexto da crise económica que Portugal enfrentou na última década, onde a fileira do azeite se destacou como um dos principais pilares da resiliência da agricultura nacional.

ORGANIZAÇÃO:



PROJETO COFINANCIADO POR:



PROGRAMA DE
DESENVOLVIMENTO
RURAL 2014-2020



UNIAO EUROPEIA
Fundo Europeu Agrícola
de Desenvolvimento Rural
A Europa Investe nas Zonas Rurais

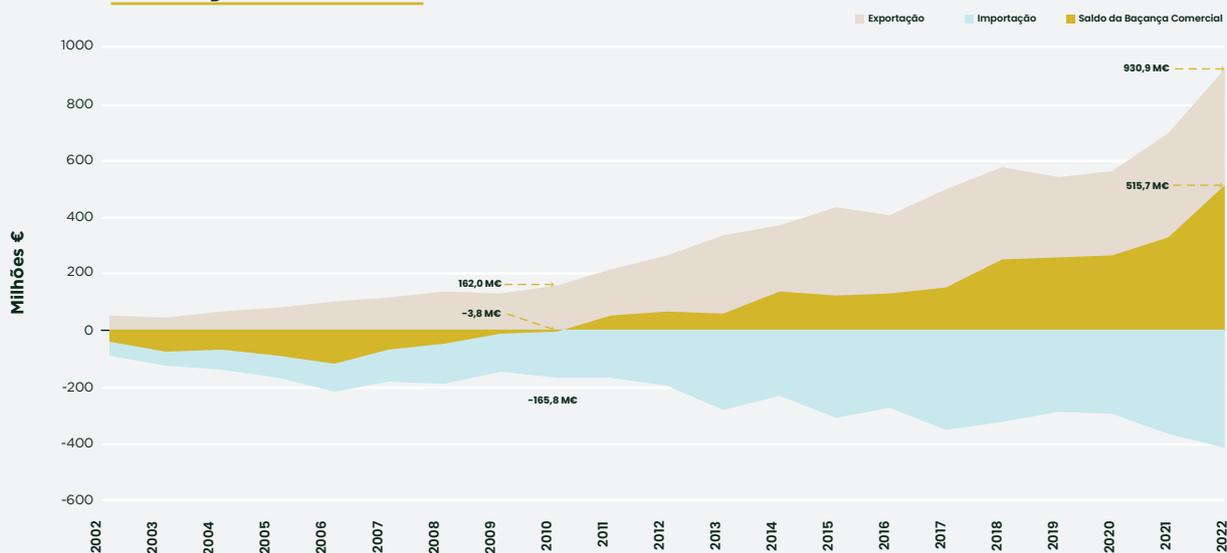
Comércio Externo



Apesar de existir a ideia de que, no setor do azeite, Portugal tem uma forte vertente exportadora, a verdade é que só nos últimos anos, e fruto da recente modernização setorial, é que fomos capazes de inverter a enorme dependência de importações.

Em 2005, Portugal, para satisfazer a procura interna, importava quase 60.000 toneladas de azeite, pois só produzia cerca de 30.000 toneladas e, dessas, exportava 23.300 toneladas. Esta situação, apesar do aumento de produção verificada, manteve-se até 2014; esse foi o primeiro ano em que as exportações, em quantidade, ultrapassaram o valor das importações. No entanto, em valor, já se tinha verificado essa inversão desde 2011, pelo facto de termos um valor médio de exportação de azeite superior ao valor médio de importação. Desde 2018, as exportações nacionais de azeite têm crescido de forma muito consistente.

Saldo da Balança Comercial



O setor do azeite contribui de forma positiva, com um valor de 515,7 milhões de euros para o saldo da balança do complexo agroalimentar nacional, que registava, em 2022, um valor negativo de -5.222 milhões de euros. Apesar do agravamento conjuntural do défice, o seu valor histórico ronda os 3.400 a 3.600 milhões de euros, pelo que o contributo setorial positivo do azeite é assinalável e deveria ser replicado por muitos outros setores.

ORGANIZAÇÃO:



PROJETO COFINANCIADO POR:

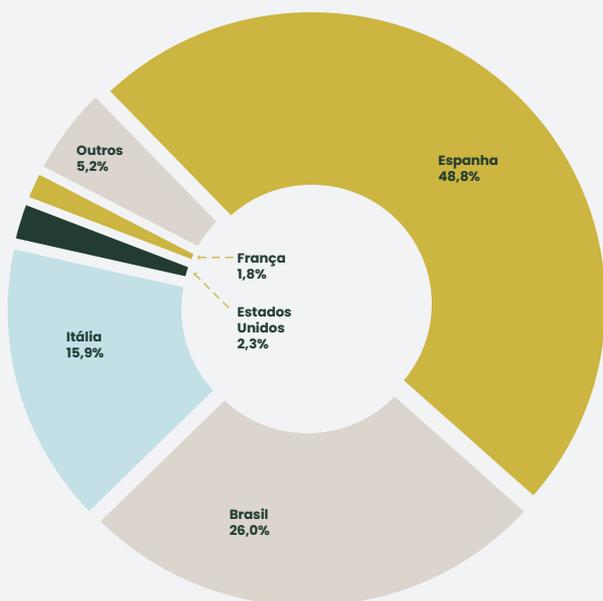


PROGRAMA DE
DESENVOLVIMENTO
RURAL 2014-2020



UNIAO EUROPEIA
Fundo Europeu Agrícola
de Desenvolvimento Rural
A Europa Investe nas Zonas Rurais

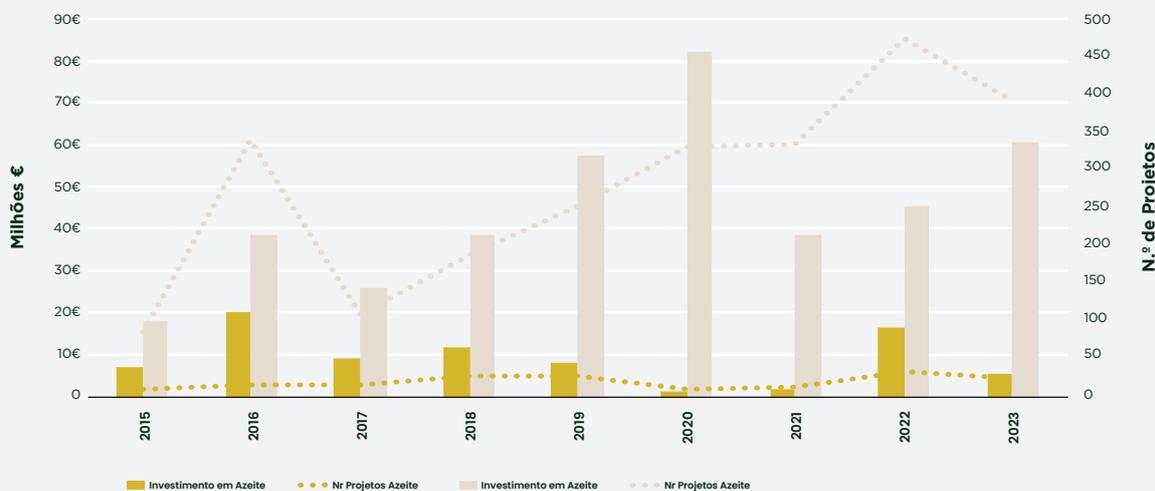
Comércio Externo



A exportação de azeite português tem-se centrado em 3 mercados principais: Espanha, Brasil e Itália, mas também para um conjunto muito vasto de países, nomeadamente: Angola, França, Polónia, Estados Unidos, Cabo Verde, Holanda ou Chile.

O azeite importado tem origem quase exclusivamente em Espanha (97,6% do total). Com base numa estimativa de crescimento da produção, do nível de importação, de exportação e do consumo interno, Portugal poderia aumentar a área de produção em cerca de 42% face à atual realidade.

Investimento no Olival e Azeite



Apesar de terem sido impostas restrições ao financiamento de novas áreas de olival e de novos lagares de azeite, através do Despacho nº 10/2019, do Ministro da Agricultura, Florestas e Desenvolvimento Rural, continuou a existir uma forte capacidade empreendedora no setor ao longo dos anos.

Se compararmos o ano de 2019 com o ano de 2022, percebemos que o peso dos investimentos de transformação aumentou no conjunto do investimento setorial, o que demonstra a dinâmica da fileira.

ORGANIZAÇÃO:



PROJETO COFINANCIADO POR:



PROGRAMA DE
DESENVOLVIMENTO
RURAL 2014-2020



UNIAO EUROPEIA
Fundo Europeu Agrícola
de Desenvolvimento Rural
A Europa Investe nas Zonas Rurais

Gestão eficiente da água

No desafio de escassez hídrica agravada por anos repetidos de seca, torna-se cada vez mais importante o trabalho de gestão da água tendo em conta medidas não só de eficiência no uso da água como também a adoção de culturas mais resilientes à incerteza deste recurso.



O olival, como cultura bem-adaptada aos climas mediterrâneos, utiliza menos água por ano comparando com grande parte das culturas, como conseguimos observar no ano de 2021 no perímetro de rega do EFMA. Mesmo em anos de escassez de água, em que a maioria das culturas sofre quebras muito grandes de produtividade, o olival consegue atingir níveis de produtividade bastante consideráveis

ORGANIZAÇÃO:



PROJETO COFINANCIADO POR:



PROGRAMA DE
DESENVOLVIMENTO
RURAL 2014-2020



UNIAO EUROPEIA
Fundo Europeu Agrícola
de Desenvolvimento Rural
A Europa Investe nas Zonas Rurais

Denominação de Origem Protegida



DOP - Denominação de Origem Protegida

Entende-se por DOP uma denominação que identifique um produto originário de um local ou região determinados (ou, em casos excepcionais, de um país), cuja qualidade ou características se devam essencial ou exclusivamente a um meio geográfico específico (incluindo os seus fatores naturais e humanos), e cujas fases de produção tenham todas lugar na área geográfica delimitada.

A denominação certifica produtos cuja qualidade e características são indissociáveis da sua origem geográfica e dos seus métodos tradicionais de produção. Visa diferenciar e valorizar economicamente os produtos, e assegura autenticidade. Além disso, promove o desenvolvimento regional e preserva o património cultural associado ao território.

DOP Azeite

Os azeites com Denominação de Origem Protegida (DOP) em Portugal são um reflexo da diversidade regional e das características diferenciadas das azeitonas produzidas em diferentes zonas do país.

- **Azeite de Moura DOP**

Localiza-se no Baixo Alentejo, englobando os concelhos de Moura, Serpa, Barrancos, entre outros. É produzido maioritariamente com azeitona galega, Cordovil de Serpa e Verdeal. A região é demarcada por solos ricos e clima mediterrâneo

- **Azeite de Trás-os-Montes DOP**

Cobre o nordeste transmontano, incluindo os concelhos de Mirandela, Valpaços e Bragança. Obtido a partir das variedades Cobrançosa, Madural e Verdeal Transmontana. Clima frio e os solos montanhosos fazem parte do terroir da região

- **Azeite do Alentejo Interior DOP**

Abrange os concelhos de Portel, Vidigueira, Mourão e Alandroal. As variedades predominantes são Galega, Cordovil de Serpa e Cobrançosa

- **Azeites da Beira Interior DOP**

Azeite da Beira Alta e Azeite da Beira Baixa. Cobre as sub-regiões da Beira Alta e da Beira Baixa, incluindo os concelhos da Covilhã, Castelo Branco, e Guarda. Produzido a partir de variedades como Galega, Bical e Cordovil. O clima de altitude e a diversidade de solos conferem a este azeite características únicas da região.

- **Azeites do Norte Alentejano DOP**

Abrange concelhos do Norte Alentejo, como Portalegre, Nisa e Alter do Chão.

Utiliza variedades como Galega, Cobrançosa e Redondil. A combinação entre solos graníticos e xistosos e o microclima local

- **Azeites do Ribatejo DOP**

Inclui concelhos como Santarém, Tomar e Almeirim. Produzido a partir das variedades Galega e Lentisca. O clima mediterrânico e solos férteis da região do Ribatejo



Localização das DOPs de Azeite em Portugal

ORGANIZAÇÃO:



PROJETO COFINANCIADO POR:



PROGRAMA DE
DESENVOLVIMENTO
RURAL 2014-2020



UNIAO EUROPEIA
Fundo Europeu Agrícola
de Desenvolvimento Rural
A Europa Investe nas Zonas Rurais

Oportunidades de financiamento

Conheça as oportunidades de financiamento no âmbito do Plano Estratégico da Política Agrícola Comum (PEPAC) para Portugal no período 2023-2027

OPERAÇÕES

INVESTIMENTO PRODUTIVO AGRÍCOLA | MODERNIZAÇÃO

Objetivo: reforçar a competitividade, melhorar o desempenho e garantir a viabilidade e a sustentabilidade das explorações agrícolas, através do aumento da produção, da criação de valor, do melhoramento da qualidade dos produtos e da introdução de métodos e produtos inovadores. O apoio é atribuído na forma de apoio não-reembolsável.

Taxa de apoio máxima: 65% (+20% caso seja uma pequena exploração).

INVESTIMENTO PRODUTIVO AGRÍCOLA | JOVENS AGRICULTORES

Objetivo: facilitar o acesso ao financiamento a jovens/novos agricultores e condições de tributação fiscal, em investimentos que reforcem a competitividade, melhorem o desempenho e garantam a viabilidade e a sustentabilidade das explorações agrícolas, através do aumento da produção, da criação de valor, do melhoramento da qualidade dos produtos e da introdução de métodos e produtos inovadores.

O apoio é atribuído na forma de apoio não-reembolsável.

Taxa de apoio máxima: 80% (85% caso seja uma pequena exploração).

INVESTIMENTO PRODUTIVO BIOECONOMIA | MODERNIZAÇÃO

Objetivo: fomentar o investimento nas empresas da bioeconomia associada à agricultura ou floresta, em ativos tangíveis, destinados a melhorar o desempenho competitivo, através do aumento da produção, da criação de valor baseada no conhecimento, em processos e produtos inovadores, na melhoria da qualidade dos produtos, numa gestão eficiente dos recursos e no uso de energias renováveis.

O apoio é atribuído na forma de apoio não-reembolsável.

Taxa de apoio máxima: 65%

INVESTIMENTO AGRÍCOLA | MELHORIA DO DESEMPENHO AMBIENTAL

Objetivo: fomentar o investimento nas explorações agrícolas para aumentar o desempenho ambiental e/ou climático, bem como o bem-estar animal. O apoio é atribuído na forma de apoio não-reembolsável.

Taxa de apoio máxima: 80% (85% caso seja uma pequena exploração).

PRÉMIO INSTALAÇÃO JOVENS AGRICULTORES

Objetivo: facilitar o acesso à terra por parte dos jovens agricultores e novos agricultores, garantindo apoio ao rendimento nos primeiros anos de instalação.

Nível de apoio à instalação (associado a um plano empresarial) é de 20.000€ (com possíveis acréscimos).

INVESTIMENTO PRODUTIVO BIOECONOMIA | MELHORIA DO DESEMPENHO AMBIENTAL

Objetivo: fomentar o investimento para aumentar o desempenho ambiental e/ou climático na bioeconomia a montante (fornecedores de bens e serviços à atividade agrícola/florestal) e a jusante (transformação e comercialização de produtos agrícolas/florestais).

O apoio é atribuído na forma de apoio não-reembolsável.

Taxa de apoio máxima: 80%